

Rubem Braga

HÁ ALGO DE SÉRIO EM TUDO ISSO

NO meio do segundo tempo, o Sol, descendo entre montanhas, já quase sem ângulo para chutar, ainda mandava um pouco de luz às ondas verdes e espumas brancas. Ipanema estava linda e as ilhas brilhavam na tarde macia. E quando *teerrrminou* a partida e houve a grande explosão de gritos e saltos e buzinas e foguetes — Bra-sil! Bra-sil! — e todos corremos para as janelas, alguém apontou para o lado do Arpoador, onde se erguia, dourada e imensa, sôbre as palmeiras e as ondas, em homenagem de grande gala, no mais solene minuto de silêncio — a Lua.

Ora, direis: meu tresloucado amigo, nem o Sol nem a Lua sabem nada de futebol. E eu vos direi no entanto que assim sentimos o bicampeonato, nós os que estávamos na casa do Miguel.

Escrevo poucas horas antes de voltar para a África. E vou subir a escadinha do avião com o sentimento que cumpri o meu dever, ajudando o Brasil a ganhar o bicampeonato mundial de futebol.

“Volto com o título” — murmuro-me sonâmbulo, heróico, poderoso (“Missão cumprida!”), antegozando o olhar de maior respeito que certo me deitarão os demais embaixadores junto à côrte de Sua Majestade o Rei Hassan II — e, sem dúvida, o próprio Rei.

Sim, tendes razão, tudo isso é pueril. Mas quem suou tôdas as camisas da alma junto ao rádio em seis tardes de luta e não tem êsse mesmo sentimento de exaustão e glória?

Tudo isso é pueril, somos um grande povo pueril. Mas — pelo menos durante alguns dias — feliz.

É preciso, entretanto, considerar que há algo de sério em tudo isso; que um país não se faz bicampeão do esporte mais popular do mundo apenas devido a talento, bossa, despacho de macumba e boa sorte. É preciso juntar disciplina e picardia. Organização coletiva e improvisação individual. Orgulho e humildade. Raça e paciência. Antes do primeiro jôgo em Viña del Mar, naqueles momentos de tensão e tédio, entre a rotina rígida dos exercícios e a contensão dramática dos nervos, dizia o veterano Nílton Santos: “uma taça dessas se ganha mais com a cabeça que com os pés”. E Nílton Santos sabe o que diz.

Êles tiveram cabeça. Leio as provas de um livro altamente emocionante que será lançado nos primeiros dias de Julho — “Drama e Glória dos Bicampeões”, assinado por dois dos melhores jornalistas brasileiros que estiveram no Chile: Armando Nogueira e Araujo Netto. Ali se conta uma história de homens e de nervos, de gritos e de silêncios, de angústia e de humor — a história humana dessa campanha do Chile, tal como foi vivida no avião, no hotel, no campo, no vestiário. Os momentos de fraqueza e de dúvida, de exaltação e nervosismo — desde a contagem dos glóbulos vermelhos no sangue de Vavá até os dedos amarelos de Garrincha — mas disso eu falarei na semana que vem.